



EDITORIAL

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E RESISTÊNCIA NOS ESTUDOS DISCURSIVOS INCLUSIVOS

Ady Canário de Souza Estevãoⁱ
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA/DCH)
Programa de Mestrado Profissional em Letras (UERN/CAPF)

Comentário do Editor

No seio da tão indispensável e fulcral discussão sobre Práticas discursivas em tempos de pandemia, dando relevo às vozes e verdades que transitam em rede, a Revista Saridh (Linguagem e Discurso) apresenta, nesta edição, um editorial com a professora pesquisadora Dra. Ady Canário de Souza Estevão.

A estimada professora Ady Canário tem reconhecido histórico de atuação acadêmica, na graduação e na pós-graduação, com aclamada laboração científica em torno de objetos do discurso e da identidade e diversidade étnico-cultural. Além de docente colaboradora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), é professora do quadro permanente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), lotada no Departamento de Ciências Humanas, no qual ministra disciplinas, no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, nas áreas de Leitura e Produção de Textos, História e Cultura Afro-Brasileira e Educação, Tecnologias e Aprendizagens.

A pesquisadora Ady Canário é licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com habilitação para o Magistério da Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa. É Especialista em Língua Portuguesa, Mestre e Doutora em Estudos da Linguagem, na área de Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui experiência na formação continuada de professores na educação básica, tendo atuado como Tutora do Curso TV na Escola e os desafios de hoje na UERN. Atuou no Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica, nos cursos de Letras e Pedagogia, bem como no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica na Licenciatura em Matemática.

Na efetividade de sua laboração científica, a pesquisadora, que é Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Discursos e Sociedade (GEPEDS), tem orientado trabalhos de conclusão de curso de licenciatura, desenvolvendo pesquisas com estudantes populares, mulheres negras, além de conduzir incursões e estudos sobre identidade, discurso, mídia, formação de professores, inclusão social por ações afirmativas, diversidade étnico-cultural.

Com antecipado agradecimento e profunda satisfação, reiteramos nossa alegria em agora apresentar o editorial com a professora pesquisadora Ady Canário de Souza Estevão. Na esteira dessa gratidão, reforçamos nosso convite a toda a comunidade acadêmica e aos profissionais/agentes do ensino e da aprendizagem para acompanhar esse exponencial e importante espaço de fala sobre questões étnico-raciais e resistência nos estudos discursivos inclusivos.

Na atualidade, as questões étnico-raciais estão presentes nos mais variados domínios e no âmbito de experiências do ensino, pesquisa e extensão, no cenário de perpetuação do racismo estrutural, preconceito racial e de outras formas de discriminação que permanecem inscrevendo um campo de resistência e regime de verdades, tanto para os estudos da linguagem como das relações étnico-raciais. Por sua vez, tais discussões, uma vez inscritas em práticas discursivas de diversos intelectuais negros, na interface entre linguagem e antirracismo, propõem teorizações e análises em torno dos constantes enunciados que circulam na sociedade.

Ressaltamos que, na pandemia, temos uma série de acontecimentos discursivos elevando efeitos de sentido estereotipados em relação à população periférica no nosso país. Isso mostra o grupo que tem sido o alvo preferencial do coronavírus, adentrando em comunidades, sendo mais letal, por exemplo, entre pretos e pardos, vítimas da violência racista de Estado.

Dessa forma, vemos como necessário pensar a racialidade do corpo negro como um dispositivo de poder, isto é, atribuir relevo à maneira como essas questões étnico-raciais se inscrevem nos estudos da linguagem e em práticas inclusivas educacionais. O tratamento da educação para as relações étnico-raciais na vida social de sujeitos negros e não negros deve perpassar o universo das formulações que se constituem na/pela/para a linguagem. Tal processo reflete-se em nossas vivências enquanto professores, pesquisadores, alunos, ativistas e comunidade, além de evidenciar a construção e funcionamento de regimes de verdades (in)visibilizadas na cultura e nas produções discursivas que embates de poder e resistência constroem.

Evidentemente, o olhar dos estudos discursivos efetiva-se a partir de vertentes teóricas e analíticas as mais diversas. Trata-se de compreendermos a problemática da produção de sentidos dos corpos privilegiados na ordem do discurso. Assim, o lugar social dos grupos étnico-raciais, aqui entendidos como discursividades, é constituído nas lutas cotidianas, dores, sofrimentos e resistência, em conjunturas de desigualdades históricas entre brancos e negros. Isso significa pensar em práticas de liberdade para sujeitos e grupos subalternizados, incluindo-se: mulheres, mulheres negras, juventudes em todas as suas diversidades.

De modo geral, o que podemos aprender com as questões étnico-raciais que perpassam a linguagem social numa sociedade de tradição colonial e escravista que determina dispositivos de saber-poder? É preciso enfrentar a perspectiva da linguagem antirracista e inclusiva. Entendermos a urgência de considerar os indicadores de raça/cor. Assim, essa variável, em séries enunciativas, traz o racismo que vem sendo denunciado por movimentos antirracistas contemporâneos.

No contexto de uma educação para as relações étnico-raciais, o termo étnico-racial designa olhares para as aprendizagens entre negros e brancos, como sintetizado desde as “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, estabelecidas pelo Parecer CNE/CP 3/2004 e a respectiva Resolução CNE/CP 2/2004, referências centrais, entre outras, sendo responsabilidade de toda a sociedade.

Para tanto, necessitamos do tratamento linguístico e educacional centrado em princípios importantes: uma consciência sociopolítica e histórica da diversidade; a constituição das identidades sociais e da garantia de direitos ainda negados e de ações educativas para o enfrentamento ao racismo e formas de discriminação, referindo-se a tratamento linguístico, especialmente, na valorização e respeito à cultura negra e africana.

Nesse sentido, o nosso encontro acadêmico com essa temática se deu no mestrado e doutorado, quando somente tivemos um maior diálogo por meio de uma reeducação étnico-racial durante vivências, estudos e pesquisas no campo interdisciplinar da Linguística Aplicada, em diálogo com demais áreas das Ciências Humanas e Sociais. As práticas inclusivas passam pelo não silenciamento e atitudes linguístico-discursivas antirracistas.

Isso nos remete a encampar estratégias de resistência nos espaços sociais, na medida em que, se temos a responsabilidade, especialmente na universidade, escolas, é preciso

ampliar as possibilidades de construção a respeito do pertencimento étnico-racial. É um grande desafio da linguagem, cultura e discurso. Quais desafios emergem desse cenário, na interseccionalidade entre raça, gênero e sexismo que produzem novos modos de subjetivação positiva na atualidade?

Nesse contexto, de modo a refletir sobre essas e outras questões, a *Revista Saridh* vem consolidando um importante espaço de exercício e produção do conhecimento científico entre universidade e comunidades. Em mais um número, os trabalhos perpassam olhares entre linguagem e discurso. Ao longo do percurso, estimula uma aproximação entre a leitura e o respeito aos grupos étnico-raciais.

Assim, esse periódico acadêmico permite a articulação de saberes, verdades e a visibilidade da resistência numa sociedade de práticas racistas, machistas e patriarcais que precisam ser pensadas, discutidas e ancoradas na descolonização dos processos linguísticos e discursivos. Portanto, concentra importantes epistemologias da linguagem frente a isso.

Por fim, na cultura acadêmica, as questões étnico-raciais impõem diálogos e tensões, mas, também, nos imprime a necessidade de reconhecermos que a linguagem e discurso instauram proposições por demais fundamentais para nossa inscrição enquanto sujeitos, sobretudo, nos modos possíveis de resistência das vidas negras.